

João antes de falarmos em concreto sobre o slam queria fazer-te umas perguntas sobre a forma como ocupas o teu tempo e depois há umas perguntas sobre arte e cultura e só depois passamos ao slam.

No geral quais são as tuas áreas de interesse e em que áreas é que ocupas o teu dia-a-dia? Podem ser áreas profissionais, desportivas, artísticas

João: Eu tento sempre que sejam no artístico, cultural: ler, poesia, cinema, teatro. É como eu gosto de ocupar o meu tempo.

E dentro dessas áreas que falaste, que atividades gostas de fazer? Gostas de ir ao cinema? Gostas de fazer cinema? Gostas de fazer teatro?

Gosto mais de fazer, quando tenho oportunidade para tal, do que de ver. Infelizmente no panorama cultural atualmente eu não me identifico muito. Então eu tenho oportunidade de fazer algumas coisas mesmo curtas-metragens. Faço com gosto, é isso.

Já referiste há pouco mas pergunto-te outra vez: lêes poesia?

Sim, sim.

Tens algum, de alguém, que...

José Carlos Ary dos Santos

É uma referência para ti?

Sim.

E poema ou livro? Tens alguma referência?

Eu leio... Leio muita coisa. Em termos de livros não guardo diferenças. Dos autores guardo porque faço isso quase com todas as áreas. Autores Portugueses que eu leio: Júlio Dinis, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, José Saramago.

Mas livros: leio-os e pronto.

Tens autores de preferência?

Sim, autores.

E em que momentos é que tu lêes poesia? Há momentos específicos em que gostas de reservar para a leitura de poesia, há pessoas que gostam de ler à noite.

Qualquer momento para mim é bem-vindo a uma leitura de poesia

E há alguma relação entre o momento em que lêes e, por exemplo, o teu estado de espírito?

Pode-me provocar algum estado de espírito o facto de ler algum tipo de poesia ou de a dizer. Principalmente até de a dizer. Isso, pronto, realmente, depende do estado de espírito que estiver. Se calhar a forma como a digo. É mais ou menos por aí.

Sim, sim, eu quero saber de ti. Não há cá respostas certas!

É isso! Principalmente quando digo, se o estado de espírito com que eu estou se altera e influencia a maneira como a digo, sim. Obviamente.

E costumavas comprar livros de poesia?

Não, não costumo comprar. Quase nada.

Quando tens que escolher um livro, mesmo que não seja numa livraria. Quando tens que escolher numa biblioteca, ou noutra local qualquer. O que é que te faz... O que é que tu vais ver num livro? Para saberes que o queres ler?

Eu não costumo, pronto, adquirir. Portanto o processo de escolha é mais quase, tipo “oh João, já leste isto?” ou “Empresto-te isto, lê isto acho que vais...”.

Se algum me despertar a atenção até sou capaz de... Mas não tenho essa de ir à Fnac ou uma Bertrand ou qualquer coisa assim.

Mas partilhas referências com as pessoas, é isso?

Sim, sim, é mesmo numa de...

Fazes mesmo trocas de livros?

Sim, sim, sim. Livros que já li.

Olha, tive um livro, a semana passada à minha irmã. Eu tenho uma cadeira de Literatura Russa e leio pouco disso, devia ler mais porque estou a fazer essa cadeira. A minha irmã emprestou-me “Os Irmãos Karamazov”.

Grande livro!

Por acaso estou a começar a ler e até estou a gostar. Gosto de ler, gosto de ler...

E na poesia costumavas usar muito a Internet para ler poesia? Tens algum site, algum blogue que gostes de visitar?

Não, não. Eu sou uma pessoa um bocado... Não adquiero coisas, não leio blogues. Internet, sim é um motor de busca que uso se realmente tiver alguma coisa em concreto, mas normalmente não é lá que eu encontro. Lá está, através do boca a boca ou de algum tipo de informação que eu vejo nos jornais, televisão e depois na internet para aprofundar.

Escreves poesia?

A primeira pergunta que fizeste foi como ocupo o meu tempo. Eu, para além de estudar na universidade, estou a tirar um curso de Geografia, não tem nada a ver, é uma contingência... Para a minha vida, uma licenciatura. Um homem que segue as regras.

Pelo facto de... de... Eu sou ator, é a minha formação

Tu és ator e estás a tirar uma licenciatura, mas é Geografia?

Sim, Geografia.

E tens Literatura Russa?

Tenho.

Mas escolheste ter isso?

São cadeiras opcionais.

Ah! Eu estava a imaginar que estavas a tirar dois cursos diferentes!

Estas perguntas estão todas relacionadas.

Tenho colegas meus que dizem: “Já que dizes umas poesias e que és da área de Letras e tal podias escrever umas coisas e tal.”. Mas não sei, às vezes falta-me um bocado a... Não é que eu não conseguisse. Mas... para já, para já ainda estou ainda a adquirir leitura.

Eventos relacionados com poesia o que é que costumavas frequentar?

Eu sou do Porto, quando vim estudar para Coimbra, há dois anos. Vinha com a ideia: Coimbra, cidade do conhecimento. Fiquei um bocado desiludido porque em termos culturais tens muito pouco.

Mas está melhor?

Está, está! Já participei num Slam de Poesia, aqui há uns tempos.

E tem havido aí muitas coisas em sítios diferentes. O problema é que o pessoal prefere ir beber uns copos.

Exatamente! E mesmo quando tu tentas fazer alguma coisa em pequenos círculos, pequenos grupos. Tem de ser sempre pequenos grupos. Porque, lá está, o interesse “mainstream” é sempre copos, e a música Brasileira: “Assim você me mata”. Mas, pronto, é a vida. Temos que nos adaptar às circunstâncias.

Mas estava a dizer que no Porto costumava frequentar alguns espaços que sim, que vamos lá dizer umas poesias. No “Pinguim” na Ribeira, Largo S. Domingos. É um ator que promove aqueles encontros de poesia (inaudível) Granger. Às vezes vamos lá, dizemos umas poesias. Ou no “Breyner”, alguns espaços no Porto. Em Lisboa também há alguns, quando lá estive também havia. Mas é sempre tão... Se calhar também é assim que tem de ser, não é?

Tão?

Tão pequenos grupos, quase marginal, entendes? E é assim, que eu, por acaso, me habituei. Porque, se realmente, se tornar uma cena “mainstream” tira-me um bocado o estado de espírito – que ao bocado eu estava a falar – com que eu digo estas coisas. Porque normalmente é numa... Estou-me a fazer entender, não estou?

Sim, sim.

Então, pelo que agora estavas a falar: já organizaste alguma coisa na área artística ou cultural? Ou Organizas neste momento? E podes ir bem para trás.

Há bocado falei-te das curtas-metragens, faço projetos académicos e muitas vezes, eu como profissional, podia exigir “olha, paguem-me” mas eu vejo o projeto. Se gosto, tento organizar, organizar-me com eles. Para levarmos a coisas por diante.

Mas assim em termos de organização... Meto-me nos projetos, em conjunto. Assim em termo individual, organizar coisas, não.

E do outro lado, mais como artista. Estavas a falar, há pouco, do teatro, também me falaste que vais a esses encontros de poesia. Podes-me falar um bocadinho disso?

Eu gosto de dizer poesia. Ou se me pedem para ler, eu, normalmente, desde pequenito, que pronto, a cena de ser ator, está... Desde pequenito que me acompanha. Depois foi para o Secundário, nas aulas de Português a minha professora pedia-me para ler poemas, pronto, sempre gostei de dizer.

Dizes poesia só no Porto?

Eu digo poesia em qualquer lado, com qualquer pessoa, posso dizer agora aqui, para ti.

Mas também tens a faceta do teatro?

Tenho aliás, isso até é mais a minha formação.

Ultimamente o que tens feito?

Ultimamente não tenho feito nada.

E antes de ultimamente?

Durante três anos fiz peças com o Teatro Experimental do Porto, para crianças. “Felizmente há Luar”, “Os Maias”. Fiz revista, adorei a experiência.

Quase tudo no Porto. Fui para Lisboa também fiz algumas peças em Lisboa.

Apesar de fazer teatro desde pequenino, uma cena que eu... Não é uma coisa que me preencha totalmente. Como ator eu gostava de fazer cinema, já fiz, já tive algumas participações mas não tanto como eu realmente gostaria.

O cinema, em Portugal, apesar de eu ser um jovem com vinte e cinco anos, vejo o cinema como quase uma fachada. As leis do jogo são ditadas à priori, o que é que se vai fazer. O dinheiro, para quem é que é. Eu vejo o Paulo Branco quase que comanda o que é que se faz em Portugal, tu vêes quantos filmes Portugueses é que saem. Cinco, seis filmes, de resto é udo umas coisas...

Eu acho que não é um problema só do cinema, é assim que se fazem as coisas em Portugal...

E depois as coisas fazem-se, lá está, ele contacta uns amigos, esses amigos têm os seus amigos. E é sempre assim aquilo... Era isso que eu estava a dizer há bocado, gosto mais de fazer do que ver. Eu, ao fazer, tenho um guião... O que tu vêes é sempre a mesma coisa, quase.

Não há espaço para a criação, não há nada. E quando se tenta fazer alguma coisa porque é diferente... Não.

Nós na área da poesia fazemos coisas que as pessoas não acham que tenham a ver com poesia...

Dizer poemas, nesta sala e baixinho

Nós temos que tentar fazer a rutura por dentro, como dizia um poeta que eu gosto, é. Se queremos mudar o centro vamos para lá e implodimos aquilo, não nos afastamos. Se nos afastamos eles continuam a fazer o que querem.

A mim quase que me falta o ar, sabes. Tenho às vezes... olha, fiz “Morangos com Açúcar”, há dois anos. E outros trabalhos que tenho feito: publicidades e trabalhos de moda e coisas assim.

E mesmo a questão do dinheiro, também me falta o ar com esse tema do dinheiro, é tudo à volta do dinheiro.

Agora sobre o Slam: quando é que ouviste falar ou quando é que leste, a primeira vez, sobre o Slam?

Estava em casa, aqui em Coimbra, e chegou um colega meu que é pintor, é conhecido o Goa (?) que disse: “olha, vai haver ali uma cena de poesia, queres vir comigo?”; “vamos lá!”. E foi aí que eu fiquei a saber.

Do conceito, uma coisa diferente, ele até participou nisso.

Foste sem saber bem o que era?

Nada, sem saber nada.

Achas que o interesse que tiveste em ir é influenciado pelo interesse que tens pelas Artes em geral ou achas que não tem nada a ver?

Eu pensei que me ias perguntar se o meu interesse, seria, à partida o interesse que as outras pessoas têm quando ouvem a palavra “poesia”, mas não foi essa a pergunta que fizeste.

Podes responder às duas.

A tua primeira pergunta: sim, sim, é. É assim que eu sou instruído, é assim que eu me eduquei. Tem claramente influência o facto que eu...

E a outra: se os jovens são assim? Não, certamente haverá alguns mas a maioria, pelo menos do que eu observo, se ouvem a palavra “poesia” quase que “eh, pá, grande seca” estás a perceber?

Estou a perceber, eu acho que a culpa é de quem mostra a poesia. Só mostra sempre da mesma maneira. Por isso é que nós estamos cá!

Conheces “Poetry Slams” de outras zonas do país?

Depois de ouvir as coisas pela primeira vez tento, depois, informar-me acerca do que é realmente, se me interessar. Alguns colegas meus, da área da representação de Lisboa que me falaram: “olha pá, está a haver uma cena nova de Poesia que tu gostas, anda cá.”; “Em Coimbra já ouvi falar disso. Até já disse lá um ou dois poemas.”. Foi uma colega minha a Inês (inaudível), acho que participou.

E já ouviste falar sobre Slams de outros países?

Não, desconhecia. Desconhecia este conceito: “Slam Poetry”

Participas no Slam como: como Slammer, como público, como júri? Como é que já participaste?

Como amante da poesia. Não fui concorrente, fui “open mike” e júri.

Ainda não participaste noutra Slam, de outra zona do país?

Não.

Se tivesses que descrever o “Poetry Slam” como é que descrevias?

“Poetry Slam” é uma tentativa muito agradável, muito saudável, de instruir as pessoas e realmente tentar desviá-las um bocado do centro que estão habituadas, do espaço normal. Provocá-las, quase, a nível intelectual.

Porque é que escolhes, se tiveres dois eventos à mesma hora, sendo que um é o “Poetry Slam”, porque é que escolhes ir ao “Poetry Slam” em vez de ires a outra coisa qualquer?

Porque é como te disse, estou realmente farto de ser sempre as mesmas coisas. Tu, à bocado, falaste-me nos copos, nas discotecas. Eu cansei-me, não digo que não, mas sempre?

Almada Negreiros falava... tem alguma coisa a ver com a educação, cultura... “Defendo a necessidade de cultura como individualização...”. Bem, não sei, não me lembro, tenho a ideia.

Pensas, no futuro, vir a participar no “Poetry Slam” como parte da organização, ou como Slammer? Participando na competição.

Porque, não? Sim.

E porque é que isso poderia ser interessante?

Eu quase que digo que me alimento da cultura, quando faço as peças, quando entro nos filmes, quando digo uma poesia... Não é alimentar, não é? Mas a alma... Se tenho alma, tenho uma percentagem que tem a ver com este tipo de fenómeno e alimenta-se um bocado destas coisas e para eu andar alimentado tenho que, estás a perceber?

A minha revolta exterior, a minha forma de exprimir é um bocado através da poesia, através do filme, através do teatro, através da comunicação e então é claro que participo nestas coisas. Preciso da minha liberdade interior.

Já fizeste parte do júri?

Já, fiz.

E como é que decidiste a pontuação a dar?

Eu como não tenho muita experiência em ajuizar coisas nunca poderia ter, à partida, alguma coisa estipulada ou ser corrompido. Fui honesto com o que eu gostei, se realmente gostava dava uma pontuação máxima.

O que é que te levou a gostar desses poemas?

Captar-me a atenção, a mensagem. Interessa sempre a maneira como tu dizes as coisas, eu às vezes, tento, mesmo quando estou a dizer uma trapalhada qualquer, se a disser de maneira que as pessoas acreditem. Mas, na poesia, o meu juízo – que vale o que vale – não passa por uma “performance”, mais pela mensagem. Foi assim que eu avaliei.

Sentiste alguma dificuldade em sentir quanto é que ias dar a cada poema, a cada Slammer?

Não.

O que é que tu pensas sobre o formato da competição? Não acontece sempre o microfone aberto mas tem previsto que haja a parte da competição e a parte do microfone aberto.

Acho bem, acho saudável. Está bem estruturado, sim

E sobre a parte do microfone aberto?

Acho que tem que existir e acho que quase – é microfone aberto só vai quem quer mas devia-se, quase, esmiuçar, espicaçar: “vai lá pá!” para serem mais pessoas. Para fazer render o peixe, como se diz no Porto.

Nós, os organizadores, irmos lá chatear as pessoas?

Eh pá, não é chatear mas quem está quase a dar o mote porque há pessoas que nem querem ser chateadas mas até estão com vontade mas, ou por vergonha ou inibição não vão mas se virem “eh pá, está tanta gente” em vez de irem um ou dois, no final, os malucos, “aqueles é que são malucos”. Se for realmente mais gente, eles, se calhar, também...

Também se arriscam?

Sim!

O que é que achas, qual é a tua ideia sobre a existência, o papel do júri?

O júri, eu... A minha opinião, eu como – andando nisto da representação – mesmo na escola, toda a gente é avaliada. Eu não gosto de ser avaliado, fui a milhares, milhares não centenas de “castings”, fiz centenas de exames. E pronto, é uma cena que não gosto. Mas se é assim, se é a ordem natural das coisas, pronto arranje-se uma maneira. Mas, para mim, gostei, boa ou não gostei muito, devias ter dito de uma maneira diferente. Realmente é assim que eu avalio, não costumo atribuir pontuações às coisas.

O que é que achas da obrigatoriedade dos textos que são levados para a competição serem escritos pela pessoa que vai participar?

Eu acho que se calhar deveria – esta é a minha opinião – estamos a falar de performances e estamos a falar da criatividade e da originalidade, se calhar dividir, haver um espaço para, por exemplo: eu gosto de dizer poesia de outros autores, gosto, quase, de interpretá-la. Um bocado influência de ser ator. Gosto de dizer poesia dos outros: por exemplo do Ary dos Santos, dizer aquela poesia, é dele. Se tiver de dizer uma coisa minha também a digo mas se calhar já não a digo... não sei. Então, como eu, haverá outras pessoas que também, ou porque não têm nada a dizer por eles próprios ou que se identificam com algo que leem de outros q que querem dizer. Não sei, acho que poderia ser criado espaço para as duas coisas.

Estás a falar de criar uma competição paralela para pessoas que gostam de interpretar?

Se tiver que ser competição... Não estou a falar que em de ser uma competição.

Então?

Mas se entenderem que seja competição, porque não? Sim.

Mas gostavas que houvesse, no “Poetry Slam”, uma parte que não exigisse...

Gostava!

Mas já há o microfone aberto...

Sim, sim.

Então gostavas que houvesse uma competição?

Ah, já percebi. Gostava. Eu gosto de ver a interpretação das coisas.

Tens o olhar bem apurado para esse lado.

Também gosto de ver o olhar das pessoas, a mensagem delas. Mas pronto como gosto de ver como elas interpretam as outras coisas.

Na tua opinião o que é que achas que motivou as pessoas que criaram o primeiro “Poetry Slam”, que não foi cá, que é que achas que as motivou a querer fazer uma coisa deste género?

Não foi cá em Portugal? Foi aonde?

Nos Estados Unidos, em Chicago.

Acho que é como nós temos vindo a falar: em qualquer sítio, as pessoas, a partir de certa altura sentem-se sufocadas. Eu sinto-me e alguns amigos meus sentem-se sufocadas do que a sociedade nos oferece. Julgo ter sido isso, pelo facto de sentirem sufocadas que as levou a criar este conceito.

Tu participaste, estiveste em quantos “Slams”?

Acho que foi um ou dois, só.

Não sei se viste alguma coisa na net sobre pessoas a lerem em outros “Slams”

Falaram-me, realmente, em Lisboa.

Nos textos que já ouviste no âmbito do “Poetry Slam” que opinião é que tu tens, dos textos?

Desde que seja para dizer poesia a minha opinião pode nem querer dizer tanto. A pessoa está ali a fazer uma coisa diferente. Está a dizer uma poesia, está a fazer algo diferente. Gosto e gosto de ouvir. Gosto sempre de ouvir o que as pessoas me têm para dizer, passa por aí.

Não és o primeiro a dizer isso...

Não? Devia ser assim gostarmos de ouvir o que as pessoas têm para dizer.

Apesar do que disseste agora achas que há um tipo de texto que seja mais apropriado para um “Poetry Slam”?

O que é que queres perguntar com isso?

Em termos de ritmo de estratégia, dentro da poesia, por exemplo: há pessoas que escrevem e leem sonetos, há pessoas que fazem poesia sonora onde, se calhar, nem sequer há palavras propriamente ditas. Há pessoas que fazem parecido com o rap. Achas que há algum que se encaixe melhor?

Uma cena ritmada. Uma cena com, com... Como é um espaço fechado, se for uma coisa que abane, estimule as pessoas. Uma cena com ritmo, uma cena rápida. Mais que propriamente poemas melancólicos.

E em termos de tema? Achas que há temas mais apropriados par um “Poetry Slam”?

Acho que esse facto da revolta é um bom tema porque estamos, ainda por cima, no momento em que atravessamos. Pelo menos eu, eu ando sem ar. Como Gabriel, o Pensador: como peixe num aquário. Ando assim, então o que eu tenho necessidade é de revoltar. E como eu deve haver muita gente que tem essa necessidade de se exprimir. Acho esse um tema bom: contra tudo e contra todos, disparar em todas as direcções.

O que é que tu gostas mais no “Poetry Slam”?

Obviamente: a poesia. Ande ela por onde andar, acabou.

E o que é que gostas menos?

Eu acho, pelo que me estou a aperceber de falar contigo, estão com uma necessidade de divulgar. A divulgação acontece da maneira que tem que acontecer. Não é por vir no jornal “X” não é por ir para a televisão e passar... Hoje há novas formas, como eu soube, eu não soube pelo Facebook nem por uma rede social, nem pela televisão nem pelo jornal. Soube, realmente.

Eu, na minha opinião, não gosto de cenas “mainstream”, para já gosto, como está montado. Se vir muitas lantejoulas e uma cena tipo La Féria, para dizer umas poesias, se calhar não ia gostar muito. Estou-me a antecipar.

Já falaste do “Poetry Slam” com pessoas que não sabiam o que era?

Já. Aqui em Coimbra, depois de ter participado.

Que é que disseste sobre isso?

“Há uma cena, agora em Coimbra, fui ontem a uma cena de poesia. Já viste! Em Coimbra, estou aqui há dois anos e ainda não tinha visto nada.” Foi nessa onda, é por aí.

Na tua opinião o que é que achas que atrai as pessoas ao “Poetry Slam”, quem organiza, quem participa, o que é que achas que as faz ter vontade de estar no “Poetry Slam” e de participar?

Paixão, gostarmos de poesia é que nos une a todos. O que nos move, a mim pelo menos, é para além da poesia é como eu te falei é a necessidade que tenho de me exprimir, de desabafar, de partilhar, etc. Todas esses tópicos são os ingredientes, para mim é o que eu vejo.

Se tivesses que dizer para que é que serve o “Poetry Slam”, como muitas vezes se tem que dizer para que serve a Cultura, etc. O que é que dirias?

Mais uma vez a cena do Almada Negreiros...

Posso apontar aqui, se quiseres.

Eu esqueço-me das coisas... Tem a ver com isto: a individualidade, não há educação sem Cultura... Tu depois vais ver, não é?

Claro!

Isso vem muito nesta, na entrevista que está a fazer. Essa citação aplica-se muito bem.

No mundo da Poesia o “Poetry Slam” é um evento “mainstream” ou “underground”?

“Underground”, pelo menos para já. Não tenho visto, ainda, grandes divulgações. É assim que tem de ser e é assim que tem de ser. E mesmo que haja uma divulgação maior passa sempre, eu acho que o contexto, pelo menos aqui. É sempre uma cena “underground” não é uma cena de elites, porque o que as pessoas gostam é: estamos a falar de dinheiro e de... Como isto é uma atividade diferente é sempre uma atividade underground a meu ver

Achas que existe uma comunidade à volta do “Poetry Slam”?

Acho que existem várias comunidades, se já há uma à volta do “Poetry Slam”, acho bem!

Estou-te a perguntar se achas que há.

Acho que sim, eu já faço parte dessa comunidade, estou aqui a falar contigo sobre isso e se for preciso falamos com mais pessoas. Se ainda não há deve ser criada.

Daquilo que já conheces sobre a poesia sabes, ou identificas, alguma outra comunidade dentro da poesia mas relacionada com outro tipo de eventos ou um tipo específico de poesia, à volta de um autor...

É quase uma cena do “Clube dos Poetas Mortos”, vamos ali naquela gruta, naquela cavezinha, dizemos os nossos poemas, escondidos do mundo e da sociedade. É sempre à volta disso. Certamente existirão e é como este, são comunidades que gostam, que partilham a poesia.

Por exemplo lá no Porto?

Estava a pensar nesse, há um barzito que se chama “Pinguim”, há uma cavezita lá debaixo do bar, juntam-se umas pessoas, um grupo: “Eh pá vamos dizer umas poesias.” Pronto, fantástico, bebemos uns copos e dizemos umas poesias aqui. É assim que eu vejo, já tive que dizer textos, já fiz peças quase industriais... Digo texto, digo-o daquela maneira, posso até nem sentir da mesma forma quando o digo nas pequenas comunidades.

Não me interessa se vende, se é um número, milhares, percentagens, volumes. Não me identifico com isso.

Apercebes-te de alguma relação entre os “Poetry Slams” de outros pontos do país?

Antes de mais o nome é igual: “Poetry Slam” se aqui em Coimbra, quando eu ouvi, e quando ouvi em Lisboa, não há coincidências. Sim, apercebo-me que se esteja a criar uma comunidade, vamos alastrar a poesia, este conceito a mais áreas e não tem que ser só Lisboa, Porto e Coimbra.

Estão a planear fazer um em Sines.

Façam em Carrazeda de Ansiães, tenho raízes e origens...

Então fica já com o desafio.

Há aqueles velhos que sabem muita poesia.

Achas que o “Poetry Slam” é influenciado por outras áreas artísticas que não a área da poesia?

Sim, acho que vai buscar um pouco de todas as artes. A poesia são sentimentos, são emoções, são palavras, música, teatro... São tudo áreas que eu, por exemplo gosto de todas elas, gosto de fazer, gosto de ouvir. Sim, acho que sim, que estão relacionadas de maneiras diferentes mas sempre relacionadas.

Tendo em conta os eventos de poesia que conheces ou que foste e o “Poetry Slam” como é que farias uma comparação entre outros eventos de poesia, como outras leituras, recitais e o “Poetry Slam”?

Este “Poetry Slam” a mim, já vi que estava, minimamente, já havia à volta uma organização. Não era, como há bocado eu estava a referir, uma cave onde se junta um grupo de pessoas e vamos dizer umas poesias. Aqui já havia um microfone, já havia um júri, já havia essas questões todas. Estava tudo mais programado. Não quero falar em condições mas já estavam criados outro tipo de condições para se dizer a poesia e acho bem!

Na tua opinião como é que vai ser o futuro do “Poetry Slam” em Portugal?

Eu gostava muito que isto alastrasse e que as pessoas... E que houvesse uma comunidade maior. Porque precisamos, em Portugal, em todo o mundo, mas em Portugal (inaudível) língua Portuguesa, precisamos realmente de estimular as pessoas de lhes dar essas, criar condições para se respirar a poesia, para se dizer poesia, para se respirar autores. Eu acho que, sinceramente, ainda é um longo caminho que tem que se percorrer para agitar consciências e a realidade desta juventude. Por isso é que há bocado falei daquilo de ir para as aldeias não é de tal forma descabido. Há muita gente sem estudos, sem formação a nível académico que fazem coisas espetaculares. Aqui as pessoas rapidamente se acomodam a um estilo, uma ordem, uma necessidade de sobrevivência, um ser social, senão ficas fechado no teu quarto a bater com a cabeça nas paredes. Tenho esperança que isto corra bem.

